



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1376

A imagem de Carlos Magno na Crônica Pseudo-Turpin: Uma propagação de heróis francos na Península Ibérica.

Ronison Penha de Paula
UNIFAL-MG.

Resumo

A imagem de Carlos Magno na Crônica Pseudo-Turpin foi o título de uma pesquisa realizada durante o trabalho de conclusão de curso de História da UNIFAL-MG, que desdobrou em outra investigação, agora no mestrado da mesma instituição. As preocupações iniciais basearam-se na tentativa de compreender a construção da representação do rei e imperador carolíngio, mas com o desdobramento posterior, voltamos nossas atenções para o impacto dessa literatura épica para a construção da identidade ibérica, especificamente no reino de Castela no período da Reconquista. Neste evento pretendemos apresentar os principais aspectos da imagem de Carlos Magno conforme representado na crônica *Pseudo-Turpin* e fazer uma discussão acerca da propagação de heróis medievais francos, como ele, na região ibérica, no intuito de introduzir outras considerações preliminares de que a construção de aspectos da identidade ibérica, perceptíveis na literatura épica castelhana, ocorreu a partir da recusa dos elementos externos até então fortemente influenciáveis na região. Essas considerações partirão de uma perspectiva comparativa entre obras elaboradas em reino franco, como *Pseudo-Turpin* e um exemplar da épica castelhana como *Cantar de Mio Cid*.

Palavras-chave: Península Ibérica; Identidade; Reino Franco.

Introdução

Dualidade tem sido um marco nos estudos que abarcam a história de Carlos Magno. Seja em sua posição política geradora de debate, por ter sido ele rei e posteriormente imperador, ou mesmo em sua imagem repassada e transformada ao longo dos séculos. Há o Carlos Magno representado nas capitulares, cujo cunho político de caráter administrativo se faz presente, aquele que guia o povo franco cumprindo seu papel de rei dentro da perspectiva da realeza cristã. Há também o Carlos Magno constante na mentalidade coletiva, o herói épico, em que o protagonismo e liderança permanecem e é acrescido de fatores ligados ao conceito de maravilhoso, fruto, sobretudo, do processo de mitificação empreendido pelos francos ainda no século IX.

A imagem de Carlos Magno na Crônica Pseudo-Turpin traduz de alguma maneira o imaginário que se formou em torno dele entre os séculos IX e XII e evidencia a colaboração que as canções de gesta e as crônicas tiveram neste processo. Carlos Magno, nestas obras, é descrito como um ser carregado de elementos que o ligam a uma dimensão diferenciada, desde Notker no final do século IX, (monge de Sankt Gall cujo trabalho foi intitulado *Karoli Magni*), até a Crônica Pseudo-Turpin na primeira metade do século XII. No espaço de tempo entre essas obras, encontra-se a *Canção de Rolando*, do final do século XI com características semelhantes.

Não foi o objetivo fazer um levantamento minucioso de crônicas ou quaisquer gêneros que comprovem a reincidência de uma imagem coletiva construída em torno de Carlos Magno, mas as obras acima mencionadas ajudam a compreender sua difusão, e assim, projetar reflexões considerando a historicidade deste personagem para os sujeitos até o século XII, bem como compreender de forma mais elucidada os possíveis usos desta imagem por aqueles que continuaram elaborando e materializando-a na forma escrita.

Mitos como o de Carlos Magno tendem a desenvolver imagens variadas de acordo com os objetivos em que são retomados, os quais, evidentemente, partem de necessidades e contextos específicos. Esta tendência, em grande medida, faz com

que os personagens lendários adquiram formas diferentes ao longo do tempo, tornem-se multifacetados. Embora cientes desta problemática, a crônica em questão nos indica uma imagem que vinha sendo construída em processo e atendendo às especificidades do reino Franco.

Neste sentido, a manutenção da imagem heroica do imperador franco no século XII, tal como em *Pseudo-Turpin*, mesmo sendo uma expressão e leitura parcial, relativamente distante ao tempo abordado, consegue êxito ao apresentar um imperador forte e popular como já vinha sendo construído em outras obras. É um fator importante para o imaginário coletivo e é acrescido de uma personalidade singular, no sentido da liderança expressada, sendo um exemplo de guia, aquele que toma as decisões mais adequadas e que resguarda o bem estar de seu povo.

Objetivo

- Apresentar uma leitura acerca da imagem de Carlos Magno na Crônica Pseudo-Turpin.
- Discutir a forma como essa imagem formada ocupou relevante espaço no imaginário medieval na Península Ibérica.
- Abordar uma mudança de perspectiva por parte dos castelhanos em que por meio da literatura épica parece contestar a presença de heróis externos na região peninsular, buscando espaço para personagens autóctones.

Resultados

Da crônica

Turpin é um personagem a quem os autores da crônica atribuíram a narrativa com o intuito de prestigiá-lo. Seu nome está relacionado à lenda carolíngia, sobretudo, às investidas daquela dinastia durante o governo de Carlos Magno sobre a região que atualmente compreende à Espanha. Em função disso, o nome de Turpin, arcebispo de Reims no final do século VIII, se popularizou pelo fato dele ter participado das façanhas lideradas por Carlos Magno e que foram epicamente narradas na crônica à qual dedicamos a atenção.

A obra é iniciada com a rememoração do arcebispo Turpin, como se ele se dispusesse a escrever os feitos de suas aventuras na região da Península Ibérica ao lado de Carlos Magno e outros cavaleiros notáveis como Rolando e Olivieiros, em

defesa dos princípios cristãos e a libertação daquela região que havia sido ocupada pelos Muçulmanos desde o início do século VIII.

A narrativa parte do pressuposto de que Carlos Magno, no momento da investida contra os Muçulmanos, já possuía certa proeminência em função do domínio exercido sobre outras regiões como a Baviera, Lorena e partes da atual Itália. Em virtude deste alargamento do espaço franco sob a liderança de Carlos Magno, a crônica o destaca como o rei escolhido por Deus para libertar seu povo, pois aquele povo se encontrava subjugado pelos muçulmanos na Península Ibérica.

Tal como nas narrativas bíblicas, as mensagens recebidas por Carlos Magno incumbindo-o da libertação dos cristãos e do corpo do apóstolo Tiago, descrito na crônica como ignorado na Galícia, chegaram por meio de sonhos, nos quais, o próprio apóstolo dialogava com o rei não só atribuindo-lhe a missão, mas exaltando seu prestígio junto a Deus, que reconhecia Carlos Magno como digno e benfeitor das obras cristãs na terra.

A narrativa apresenta a obediência de Carlos Magno que após entender as repetitivas mensagens, investiu sobre a região peninsular e conquistou muitas cidades. Se algumas em confrontos e outras por meio do discurso, o fato é que desde os primeiros momentos da narrativa, a superioridade cristã é explicitada. A ação dos francos na Península Ibérica, de acordo com *Pseudo-Turpin*, não se limitou à libertação do povo cristão do subjugo muçulmano, consistiu também no aniquilamento do inimigo e na apropriação dos bens materiais dos quais se dispunham aqueles. Os francos sob a liderança de Carlos Magno converteram esses bens em obras edificantes, homenageando ao apóstolo Tiago.

Não só as riquezas que se encontravam com os muçulmanos, mas também as recompensas provenientes de pequenos reinos cristãos que não tinha força suficiente para enfrentar o domínio islâmico, foram utilizadas para a construção de monumentos cristãos: “Com o ouro que Carlos Magno recebeu dos reis e príncipes da Espanha, enriqueceu a basílica de Santiago (...) o restante do ouro, pois, e da inumerável riqueza que sacou da Espanha ao seu regresso, ele levantou muitas igrejas [...] fez ainda inumeráveis abadias por todo o mundo” (CPT, p. 417. Tradução nossa).

A missão dos francos sob a liderança de Carlos Magno foi entendida, na visão dos autores francos que se dedicaram a narrar esta intervenção na Península Ibérica, como um dos primeiros movimentos de Reconquista ainda no século do estabelecimento Muçulmano na região da atual Espanha. A doação de um rei franco

à causa cristã, tal como narrado numa fonte do século XII, aponta para o fato de que reivindicavam não apenas o pioneirismo em relação à abertura do caminho de Santiago, mas também um espaço no processo de Reconquista.

Embora esteja mencionando os agentes narrados na crônica no plural, buscando percebê-los na narrativa e não apenas o líder condutor, esta obra tem o objetivo de exaltar, além da soberania cristã, o sujeito Carlos Magno. Na primeira investida franca, sob sua liderança, ele conseguiu resolver as adversidades que de acordo com a narrativa, tal êxito só ocorreu devido a ajuda de Deus e a intercessão do apóstolo Tiago. Deixou guarnições cristãs para que a ordem fosse mantida e regressou ao reino Franco, no entanto, sua ausência é descrita como o bastante para que os confrontos fossem reestabelecidos.

Novamente se evidencia que todas e quaisquer situações conflituosas só poderiam ser vencidas pelos cristãos se seu líder, escolhido e legitimado por Deus estivesse à frente. O trecho a seguir mostrará essa questão e indicará o início de um longo debate ideológico que se fará necessário discutir, para que seja entendida a caracterização dos cristãos em relação aos muçulmanos e como a imagem de Carlos Magno foi cristalizada naquela narrativa:

Quando Carlos Magno voltou à Gália, certo rei pagão, chamado Aigolando, com seus exércitos havia conquistado a terra da Espanha. Subjugou as praças fortes e cidades e matou as guarnições cristãs que Carlos Magno havia deixado para proteger aquelas terras. Ouvidas estas notícias Carlos Magno voltou imediatamente para a Espanha com muitos exércitos (CPT, p 418. Tradução nossa).

Com sua volta, pretendeu-se narrar a resolução dos embates, os inimigos deveriam ser encontrados e se não se convencessem de sua condição de pagão e renunciasse a ela, seriam eliminados. Incisivamente, Carlos Magno é apresentado de forma que sua proeminência seja exaltada, mas o que o torna de fato relevante é a fidelidade à causa, sua disposição em enfrentar os inimigos da Igreja e estabelecer o cristianismo em regiões ameaçadas. De acordo com a narrativa, Aigolando, líder muçulmano, ao saber da volta de Carlos Magno o persegue, encontra-o com seus exércitos e estabelecem formas de combates, em todas elas, inapelavelmente, a vitória é cristã.

A obra transmitia uma mensagem aos seus contemporâneos, formadores de uma sociedade cuja lógica de compreensão da vida se pautava nos elementos religiosos, as explicações provinham deste viés, e neste sentido, percebe-se o

potencial da *Crônica do Pseudo-Turpin* para fazer eco na mentalidade daquele contexto e cristalizar a imagem de Carlos Magno como um ideal de cavaleiro cristão.

[...], pois da mesma maneira que os soldados de Carlos Magno quando iam pelejar, preparavam antes do combate suas armas para a luta, assim também nós devemos preparar nossas armas, isto é, as boas virtudes, para lutar contra os vícios [...] e como os guerreiros de Carlos Magno morreram no combate pela fé de Jesus Cristo, da mesma maneira também devemos nós morrer para os vícios e viver para as santas virtudes no mundo até que mereçamos ter a florida palma da vitória no reino celestial (CPT, p. 423. Tradução nossa).

Considerando o caráter do *Liber Sancti Jacobi "Codex Calixtinus"*, constata-se que seus textos eram lidos aos peregrinos ao longo do caminho de Santiago, o embate entre cristãos e muçulmanos foi divulgado e o heroísmo de seu líder condutor, como já era recorrente na mentalidade medieval, foi reforçado. A narrativa coloca Carlos Magno à frente de situações de alguma maneira conhecidas ou mesmo vivenciadas pelos sujeitos do século XII. Não parece ser por acaso que a ideologia das cruzadas esteja presente nesta obra, o heroísmo contra o inimigo já há muito conhecido, só enaltecia uma imagem que fora construída sob a ótica do expansionismo cristão.

Em *Pseudo-Turpin* pode-se inferir que Carlos Magno acumulou virtudes e teve-as difundidas, ratificando assim o argumento de Jacques Le Goff (2009), de que sua lenda se afirmara neste contexto. Além de popular e carismático, Carlos Magno detém qualidades relacionadas ao campo de batalha, é descrito como um estrategista que antecipa os movimentos do inimigo e é impiedoso para com eles, pois são inimigos de Deus.

Dentre as realezas cristãs, a dinastia carolíngia, sobretudo, sob a liderança de Carlos Magno caracterizou-se pelas estratégias militares e o uso da força em suas campanhas. Em *Pseudo-Turpin*, contexto do século XII, a imagem deste mesmo rei mantém aquela característica, mas é acrescida de fatores que liga o personagem ao conceito de maravilhoso, a um campo em que a relação com Deus é mais evidente e intermediada diretamente por um apóstolo.

Esses elementos levam a uma consideração parcial: em função da manutenção do prestígio em relação às realezas, Carlos Magno pôde ser retomado e agregado elementos característicos de outro momento histórico, o que o levou a uma reafirmação, cristalizando-o na mentalidade também ibérica, no século XII. O fato é que a imagem de Carlos Magno foi fortalecida naquele contexto em

detrimento da imagem do inimigo então em evidência: os Muçulmanos. Estes são portadores do oposto das virtudes cristãs nesta narrativa, mas, por outro lado, foram eles que possibilitaram o cenário consagrador do rei franco, especialmente na Península Ibérica.

O processo de formação de um caráter “nacional” no reino de Castela no contexto da Reconquista.

A percepção de determinada demarcação da identidade castelhana ocorreu perante a recusa de fatores externos que estabelecia forte influência no espaço geográfico ibérico, ainda no período inicial do que ficou consagrado como Reconquista. Um ponto de partida possível para essa afirmação pode ser a análise de duas importantes obras de origem Franca, *A Canção de Rolando* e a *Crônica do Pseudo-Turpin*, do final do século XI e primeiras décadas do século XII, respectivamente, nas quais se desenvolvem narrativas referentes a combates entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica (sobretudo, em *Pseudo-Turpin*, aqui destacada). Trata-se de duas relevantes obras da literatura épica medieval, (amplamente conhecidas) que embora elaboradas no reino Franco, alcançou grande difusão no norte ibérico, graças ao Caminho de Santiago, cenário de muitas batalhas narradas.

A descrição das batalhas nessas obras e suas leituras ao longo do Caminho ajudaram a propagar os cavaleiros cristãos de origem Franca reforçando significativamente suas imagens na mentalidade medieval ibérica. Dentre outras questões, essas obras enalteciam supostas realizações dos francos, como a abertura do Caminho de Santiago de Compostela, mas principalmente, parecia reivindicar para si [os Francos] o pioneirismo na luta contra os Muçulmanos, com intervenção inclusive na Península Ibérica, mas abarcando a dinâmica ocorrida abaixo Pirineus na ideologia das cruzadas à terra santa.

O autor Nikolas Jaspert no artigo intitulado *Carlomagno y Santiago en la memoria histórica catalana* apresenta brevemente a presença carolíngia na mentalidade ibérica medieval e a relação da entrada desses elementos externos na região peninsular. De fato, ao se falar de Carlos Magno na Península Ibérica, fala-se de uma presença externa do ponto de vista geográfico, mas não no sentido religioso devido a tudo o que o rei dos francos significou para a cristandade em sua época e

até mesmo posteriormente com as elaborações em torno dele, nas quais se construía a figura do perfeito cavaleiro cristão.

[Jaspert] menciona sua entrada no mundo e imaginário ibérico a partir, primeiramente das canções de gesta, mas indica sua consolidação com a crônica do Pseudo-Turpin e daí uma relação direta com o apóstolo Tiago e a peregrinação a Compostela. A propagação de sua representatividade se dava de várias formas, mas, sobretudo pela comunicação de quem ouvia relatos sobre Carlos Magno ao longo do caminho de Santiago, e assim, levava a outras tantas pessoas por meio de relato pessoal, transmitindo aquele saber de acordo com o que se entendia dessas histórias, pelas obras de arte e pelos cantos ou obras literárias que eram lidas aos fiéis ao longo das peregrinações.

Pensando nessa direção, a presença carolíngia foi marcante na Península Ibérica até mesmo por ajudar a difundir nas demais regiões da Europa o Caminho e a peregrinação a Santiago de Compostela, além disso, trata-se de um elemento externo que se fez presente na memória coletiva, acolhido pelos cristãos em tempos de embate contra os Muçulmanos.

É possível salientar que a relação entre Carlos Magno e o apóstolo Tiago na narrativa de Pseudo-Turpin colaborou para a efetivação do primeiro na memória coletiva peninsular devido às várias facetas de sua chegada, isto é, às interpretações que o considerava grande evangelizador, peregrino e principalmente, o guerreiro, em tempos tão propícios. Trata-se do contexto favorecendo a penetração e permanência por certo tempo de referenciais não necessariamente próprios da região peninsular.

O que Nikolas Jaspert apresenta como ponto crucial para a observação é que a aceitação dos feitos históricos e lendários realizados por Carlos Magno na Península Ibérica, os quais o ajudaram a se consolidar naquela mentalidade, tiveram limites bem demarcados. Salienta o autor que em Castela, por exemplo, Carlos Magno teve suas conquistas registradas em muitas narrativas e negadas a partir de certo momento, justamente por entenderem que aqueles registros, inclusive o que consta em Pseudo-Turpin, colocava em risco a autonomia dos reinos peninsulares.

Neste sentido, destaca-se um processo que indica um movimento contrário, ou seja, em que parece ter havido certo distanciamento ou recusa por parte dos

castelhanos em relação à influência externa em sua História, a partir do período de Reconquista.

A exaltação aos heróis francos passou a conviver com questionamentos, num movimento em que os castelhanos, por exemplo, passaram a conceber a heróis locais, marcando assim, em textos escritos, uma incipiente consciência de pertencimento à localidade.

Um pesquisador que observa algo nesse sentido é Francisco Bautista Pérez (da área de literatura hispano-americana da universidade de Salamanca), no texto *Memória de Carlomagno: Sobre la Difusion Temprana de la materia en España (Siglos XI-XII)*. Para ele, foi justamente a partir do século XI que as narrativas épicas de origem ibérica começaram a elencar heróis de procedência local em contraposição aos que já circulavam na mentalidade medieval peninsular, segundo autor, o período “marca un momento en el que los Heróes francos empiezan a encontrar a su lado, en los textos peninsulares, a otros caballeros del lugar”.

Apesar de ser um indicativo interessante, a presença do cavaleiro cristão de origem franca como Carlos Magno e Rolando ainda se fez presente por muito tempo na Península Ibérica. A crônica Pseudo-Turpin das primeiras décadas do século XII, foi uma das obras que mais exaltaram a Carlos Magno e Rolando na região, personagens que já haviam se destacado na mentalidade local por meio da canção de gesta, sobretudo a *canção de Rolando*.

No entanto, apesar de difundida e ter alcançado relevante espaço, já se tratava de uma época em que as elaborações locais, talvez movidas pelo contexto de acirramento dos embates contra os muçulmanos passaram a se inspirar em outros referenciais, desta feita, autóctones.

Uma das fontes analisadas pelo autor colabora para a percepção não apenas do surgimento de uma narrativa tipicamente castelhana, mas também para a ideia de que a identidade que se expressava por meio de narrativas épicas na Península Ibérica ocorreu caracterizada pela recusa do referencial externo.

Francisco Bautista Pérez menciona a *História Silense*, do século XII, escrita por um monge anônimo de São Domingos de Silos, que embora seja considerada a primeira a incluir Carlos Magno na estrutura de crônicas hispânicas, relata certa xenofobia ou “francofobia” por parte dos castelhanos. Carlos Magno e os francos [de

uma maneira geral] são acusados nesse material de abandonarem a Espanha face aos muçulmanos, irritando-os ao propagar falsas vitórias na região.

Pesquisadores brasileiros também demonstraram interesse a essa temática e elencaram boas contribuições. José Rivair Macedo, por exemplo, demonstrou preocupação em evidenciar traços culturais praticados inclusive no Brasil cuja proveniência é a Idade Média. No tocante à nossa questão, ele parte da concepção de que realmente houve uma forte influencia franca na mentalidade ibérica, mas que tendeu a mudar a partir da denominada Reconquista. Para o autor, “vários pesquisadores da cultura medieval ibérica, entre os quais Ramon Menéndez Pidal, Damasco Alonso e Martin de Riquer defendem que tanto no sul da França quanto na península a memória carolíngia teria sido em alguns casos contestada” (Macedo, 2000).

Em obras como o Cantar de Gesta *Poema de Mio Cid*, pode ser possível verificar um sintoma dessa mudança de perspectiva e o nascimento de uma narrativa fundamentalmente castelhana, com elementos que demarcam certa identidade com a região, dado o contexto de sua elaboração no período inicial do acirramento entre cristãos e muçulmanos.

A historiadora Adeline Rucquoi também trás alguns posicionamentos sobre o tema numa de suas obras mais gerais sobre a região, intitulada *História Medieval da Península Ibérica* e num artigo sobre a França na historiografia castelhana. Em linhas gerais, todo esse movimento de contestação acima indicado pode ser visto, segundo a autora, como a evidencia do surgimento de uma incipiente consciência “nacional” castelhana, citando como bom exemplo disso, o surgimento de nomes como El Cid, um dos personagens que passou a representar o referencial de cavaleiro, oriundo da localidade.

Referências bibliográficas

BAUTISTA PÉREZ, Francisco. Memoria de Carlomagno: sobre la difusión temprana de la materia carolingia en España (siglos XI-XII). *Revista de poética medieval*, nº 25, 2011, p. 47-110.

CRÔNICA Pseudo-Turpin in: Liber sancti Jacobi “Códex Calixtinus” tradução: A. Moralejo; C. Torres & J. Feo. Viveiro: Xunta de Galicia, 1999. (p. 403-494).

FAVIER, Jean. *Carlos Magno*. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: ed. Estação Liberdade, 2004.

JASPERT, Nikolas. Carlomagno y Santiago en la memoria histórica catalana. In. *El camí de Sant Jaume I Catalunya: actes del congrés internacional celebrat a Barcelona, Cervera i Lleida, els dies 16, 17 i 18 d'octubre de 2003*. Publ. De l'Abadia de Montserrat, Barcelona 2007, pp. 91-104.

LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da idade média*. Rio de Janeiro: ed. Vozes, 2009.

MACEDO, José Rivair. Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no Velho e no Novo Mundo. In: ALVES, Francisco das Neves. (Org.). *Brasil 2000 - Quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas*. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Rio Grande, 2000, v. 01, p. 09-29.

PIRENE, Henri. *Maomé e Carlos Magno: o impacto do islã sobre a civilização europeia*.

PRIMERA Crónica General de España. Que Mandó componer Alfonso el Sabio e se continuaba bajo Sancho IV en 1289. MENENDEZ PIDAL, Ramón (ed.) Madrid: Gredos, 1955 (p. 321-328 e 518-650).

SYPECK, Jeff. *Tornando-se Carlos Magno*. Tradução: Anna Duarte e Carlos Duarte. Rio de Janeiro, ed. Record, 2012.